

CAPÍTULO 06 - DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA IDADE PRÉ-ESCOLAR

Sandra Marnoto
João M. S. Carvalho

A educação para o empreendedorismo tem sido especialmente estudada entre estudantes universitários e estudantes do ensino secundário, existindo poucos estudos sobre o ensino do empreendedorismo em crianças. Neste capítulo, pretende-se demonstrar de que forma o ensino pré-escolar, focado na criação de competências transversais (*soft skills*) específicas, pode contribuir para o desenvolvimento de crianças com uma atitude mais empreendedora. Assim, neste trabalho são apresentadas as primeiras conclusões de um projeto de investigação que tem vindo a estudar escolas portuguesas que têm programas de sensibilização para o empreendedorismo, visando estudar e melhorar a metodologia utilizada para o desenvolvimento de competências empreendedoras em crianças em idade pré-escolar.

Enquadramento teórico

Durante os últimos anos, como resultado da intensificação da concorrência na nova economia mundial baseada no conhecimento, governos e académicos têm-se focado no empreendedorismo e na inovação como elementos críticos do crescimento económico das economias regionais e nacionais. Consequentemente, inúmeros relatórios de agências governamentais e estudos de natureza académica têm sido produzidos, bem como têm havido um grande número de iniciativas para fomentar o desenvolvimento de projetos empresariais. Além disso, tem-se verificado uma proliferação de programas de educação para o empreendedorismo, não apenas na Europa, mas também no resto do mundo (Figueiredo-Nery e Figueiredo, 2008).

A Europa enfrenta vários problemas, incluindo questões demográficas, sociais, políticas e financeiras, que a têm feito lutar pela manutenção do seu lugar, historicamente proeminente, na economia mundial. Neste contexto, a Comissão Europeia (2013) afirma que, para voltar ao caminho do crescimento e para reduzir as taxas de desemprego, a Europa precisa de mais empresários, uma vez que empreendedorismo não só cria empresas e empregos, mas também promove o desenvolvimento de novas competências pessoais. Por conseguinte, seguindo as

diretivas europeias, os países da União Europeia comprometeram-se a apoiar a educação para o empreendedorismo (Do Paço & Palinhas, 2011), contribuindo para a aceleração da taxa de criação de novas empresas, para melhorar a eficácia e a eficiência das empresas já existentes, e reduzir a taxa de insucesso das novas empresas (Business Wire, 1999).

A literatura empírica demonstra que a educação para o empreendedorismo contribui para o aumento do número de empreendedores, incentivando as intenções empresariais (Hansemark, 1998; Hatten & Ruhland, 1995), e influenciando positivamente a percepção sobre a necessidade e a viabilidade da atividade empreendedora (Raposo, Ferreira, Do Paço, & Rodrigues, 2008). Além disso, também desenvolve competências empresariais que podem ser fundamentais para a vida de um indivíduo, independentemente da sua carreira. Este argumento é particularmente relevante, se for considerada a mudança da natureza do trabalho a que se têm vindo a assistir. Hoje em dia, a maioria dos trabalhadores é selecionada e avaliada pelo conhecimento de que dispõe e não pelas suas capacidades físicas. Por outro lado, diminuiu drasticamente a probabilidade de se obter um emprego de longo prazo na mesma organização (Bialik, 2010). De facto, na economia de hoje, que é impulsionada pelo conhecimento, a informação e a tecnologia, e onde o mercado de trabalho se caracteriza pela precariedade, pensar e atuar como um empresário pode ser crítico para se ser bem sucedido no mercado de trabalho (Studdard, Dawson, & Jackson, 2014). No contexto atual, as empresas precisam de trabalhadores com um espírito empreendedor que possuam determinação e iniciativa empreendedora, que procurem ativamente oportunidades para desenvolver as suas competências e que procurem ser proativos (Kuratko, Ireland, & Hornsby, 2001; Morris & Kuratko, 2002, Zahra, Kuratko, & Jennings, 1999). Inegavelmente, esforços "ad hoc" não são "suficientes para construir uma cultura empresarial forte", pelo que a educação para o empreendedorismo parece ser fundamental para moldar uma sociedade inovadora e dinâmica (Raposo et al., 2008, p. 486).

Impulsionada por esses argumentos, a educação para o empreendedorismo proliferou em todo o mundo, não só nas economias desenvolvidas, mas também nos países em desenvolvimento. Esta expansão caracterizou-se por um número crescente de cursos e abordagens pedagógicas (Naia, Batista, Januário, & Trigo, 2015) e o fortalecimento da importância do ensino empresarial em universidades, onde o

empreendedorismo se tornou uma área disciplinar e uma área de pesquisa reconhecida (Haase & Lautenschlager, 2011).

No entanto, e independentemente dos avanços nesta área científica, os críticos argumentam que há uma lacuna entre as necessidades de aprendizagem dos futuros empresários, para que venham a iniciar um negócio bem-sucedido, e as matérias que são estudadas pelos estudantes de empreendedorismo (Edelman, Manolova, & Brush, 2008). Até há relativamente pouco tempo, o debate acadêmico sobre a educação para o empreendedorismo centrava-se no conceito de empreendedorismo, em vez de se concentrar no desenvolvimento de teorias e modelos que pudessem vir a ser úteis aos aspirantes a empresários (Fiet, 2000). Na verdade, o que a educação para o empreendedorismo representa e o que deveria ser são ainda temas em debate. Haase e Lautenschlager (2011), por exemplo, argumentam que existe excessiva heterogeneidade quanto à filosofia, objetivos, conteúdo, metodologias e eficácia do ensino do empreendedorismo, e destacam a necessidade de se continuar a discutir os objetivos e as pedagogias apropriadas. Da mesma forma, tem de continuar o debate sobre quais as competências e a forma de as desenvolver na educação para o empreendedorismo. Smith, Schallenkamp e Eichholz (2007) argumentam que algumas dessas competências, como por exemplo a liderança, a adaptabilidade, a criatividade, a perseverança e a literacia financeira, são reconhecidas como essenciais, tanto por académicos como por profissionais, enquanto algumas outras competências são menos conhecidas.

Assim, parece evidente que a atividade empreendedora é fundamental para a criação de emprego e para o crescimento económico. No entanto, ter sucesso num empreendimento está longe de ser certo, já que muitas *start-ups* acabam por fechar. Na verdade, ter sucesso num projeto empreendedor requer um conjunto de competências diversificado. Estas não estão igualmente distribuídas entre todos os empreendedores, pois podem ter sido mais ou menos desenvolvidas por cada indivíduo (Smith et al., 2007). Por consequência, a identificação dessas competências, e as estratégias que as podem ajudar a desenvolver, devem ser uma prioridade dos investigadores na educação para empreendedorismo.

Na literatura académica, podem ser encontradas várias classificações e classificações de competências empreendedoras. Smith et al. (2007), por exemplo, identificam quatro grupos de competências: técnicas, de gestão, empresariais, e de maturidade pessoal e emocional. As competências de natureza técnica têm a ver com

o conhecimento necessário para fazer prosperar uma empresa, nomeadamente o *know-how* necessário para produzir um bem ou serviço, incluindo a obtenção de *inputs*, como matérias-primas, equipamentos e instalações. As competências de gestão compreendem o conhecimento relativo a planear, organizar, dirigir e controlar os recursos da empresa, de forma a que desta atinja os seus objetivos. Esse conhecimento inclui, por exemplo, a gestão de marketing, a gestão financeira, os conhecimentos jurídicos e de recursos humanos, e as competências de aprendizagem e de resolução de problemas. As competências empresariais estão relacionadas com o desenvolvimento de soluções inovadoras para necessidades novas, às vezes incipientes, no mercado. Estas incluem a capacidade de identificar oportunidades para negócios sustentáveis e a capacidade para comunicar, para fazer *networking* e para obter o apoio de parceiros. Finalmente, as competências de maturidade pessoal são as que apoiam a criatividade, a autoconsciência, a capacidade de aceitar a responsabilidade e o desenvolvimento pessoal e emocional. Isto é, têm a ver com a capacidade de ser criativo, refletir e ser introspetivo, de assumir responsabilidades, de encontrar soluções para problemas e de enfrentar as dificuldades.

Neste âmbito, a criatividade é uma competência importante para a inovação, assumindo-se como a capacidade de produzir ideias que são originais e ajustadas (Amabile, 1983, 1988; Bassett-Jones, 2005; Marks & Huzzard, 2008). As competências relativas ao pensamento criativo são aquelas que estão relacionados com uma elevada predisposição pessoal para combinar ideias pré-existentes de forma a produzir soluções novas, improváveis ou alternativas. O pensamento criativo é "um estilo cognitivo favorável a novas perspetivas sobre os problemas, uma aplicação de técnicas (ou "heurísticas") para a exploração de novas vias cognitivas, e um estilo de trabalho propício à busca persistente e enérgica da própria obra" (Amabile, 1997, p. 43). As competências criativas são influenciadas por características individuais, tais como a autodisciplina, a propensão à tomada de risco e a persistência, mesmo após o fracasso, sendo todas estas características importantes para o sucesso do empreendedor. Na verdade, os empresários parecem ser mais criativos que o resto da população (Timmons, 1989). Além disso, a pesquisa empírica apoia o argumento da importância da criatividade para o desempenho do empreendedor, pois parece haver um vínculo positivo entre a inovação e o sucesso do projeto empreendedor (Smith et al., 2007).

Quanto à autoconsciência, esta pode ser descrita como a capacidade de refletir e aprender com as próprias ações (Lessem, 1983). Os empreendedores não devem apenas esboçar planos e implementá-los, mas também devem observar, analisar e refletir sobre os resultados e decidir sobre o que deve ser alterado para melhorar o desempenho. Além disso, a avaliação introspectiva e a resultante adaptação das ações, também são elementos importantes para obter o apoio de parceiros que sejam fundamentais para o sucesso do empreendedor. Esta competência está relacionada com outra também importante, a capacidade de assumir a responsabilidade por decisões e ações. Isto é especialmente importante, pois a maioria dos empreendimentos usa os recursos fornecidos pelos parceiros. Finalmente, as competências de maturidade pessoal e emocional dizem respeito à capacidade de lidar com as dificuldades sem fraquejar, sendo também críticas para o sucesso da nova empresa (Smith et al., 2007). Para estes autores, estas competências são cruciais para os empreendedores, pois podem fazer a diferença entre agarrar ou perder uma oportunidade de negócio. Portanto, eles defendem que essas competências devem ter a atenção adequada tanto de investigadores como de professores. No entanto, essas competências estão entre aquelas que podem não ser muito fáceis de ensinar. Na verdade, na educação para o empreendedorismo, as *soft skills* (competências transversais) são muito difíceis de instruir, mas indispensáveis para o sucesso de um empreendedor.

Haase e Lautenschlager (2011) desenvolveram uma matriz que ilustra o problema. As duas dimensões da matriz são a 'Relevância para empreendedorismo' e a 'Dificuldade para ensinar'. Cada dimensão é dividida em dois quadrantes: 'baixo' e 'alto' para a primeira dimensão; e 'fácil' e 'difícil' para a segunda. Assim, o *know-how* empreendedor divide-se em diferentes tipos que possuem diferentes localizações na matriz. De acordo com estes autores (pp. 145-146), as competências empreendedoras dividem-se em três grupos: (1) *know-what*, (2) *know-why*, e (3) *know-how*. O '*know-what*', ou 'saber-o-quê' engloba as competências técnicas sobre criação e gestão de negócios, que vão do desenvolvimento de planos de negócios aos princípios da contabilidade, finanças e marketing, entre outros. O '*know-why*', ou 'saber-porquê', inclui a capacidade de empreender esforços sustentáveis para a criação de negócios, com base numa convicção empresarial, que implica uma mentalidade, consciência, motivação e atitudes determinadas. Finalmente, o '*know-how*', ou o 'saber-como', relaciona-se com a capacidade e o conhecimento envolvidos

em competências transversais, tais como a criatividade, a proatividade, a liderança, a propensão ao risco e a perspicácia. O *'know-what'* será mais fácil de ensinar, sendo relativamente relevante para os empresários. O *'know-why'* é relativamente fácil de desenvolver, sendo também fundamental para o sucesso da empresa. Por último, o *'know-how'*, que é decisivo para o sucesso de empreendimentos empresariais, não é tão simples de ser desenvolvido, pois as competências transversais são muito difíceis de ensinar.

A educação para o empreendedorismo no pré-escolar

A educação para empreendedorismo tem sido muito analisada entre os estudantes da faculdade e do ensino secundário, mas apenas alguns trabalhos se têm concentrado em crianças mais novas (Do Paço & Palinhas, 2011). No entanto, a pesquisa confirma que as crianças, que participam em programas formais de ensino do empreendedorismo, têm maior propensão para iniciar uma carreira empreendedora na idade adulta (Do Paço, Ferreira, Raposo, Rodrigues, & Dinis, 2011; Do Paço & Palinhas, 2011; Kourilsky & Walstad, 1998), o que tem levado os investigadores a concluir que o ensino do empreendedorismo deverá começar desde tenra idade (e.g., Stevenson & Lundström, 2002). Além disso, há evidências empíricas sugerindo que as competências empreendedoras são mais comuns entre as crianças em idade pré-escolar do que entre os estudantes do ensino secundário (Kent, 1990). Por exemplo, uma competência fundamental como a da tolerância ao risco, é mais recorrente em estudantes do ensino pré-escolar do que no ensino secundário (Kourilsky, 1980). Rabbior (1990) defende que as crianças nascem com competências empreendedoras, tais como a ambição, a motivação e a vontade de assumir riscos, sendo características inatas que diminuem à medida que a criança cresce. Além disso, a primeira infância pode ser um período importante para desenvolver competências que são mais difíceis de construir mais tarde na vida. Estudos de desenvolvimento infantil mostram que a primeira infância é o período com maior capacidade de aprendizagem, e que as experiências nessa fase da vida influenciam o desenvolvimento do cérebro (Sarıkaya & Coskun, 2015). Löbler (2006) sugere que as atitudes e motivações empreendedoras podem ser estimuladas muito precocemente na vida de uma pessoa. Lee, Lim, Pathak, Chang e Li (2006) referem que as crianças devem ser ensinadas a tomar decisões e a aceitar os erros como parte do processo de aprendizagem, propondo que a experimentação ativa deve ser equilibrada com conceptualização abstrata,

dessa forma contribuindo para aumentar a propensão das crianças para se virem a tornar empresários no futuro. Lindström (2013) argumenta que o comportamento empreendedor pode ser desenvolvido desde muito cedo, nomeadamente a curiosidade, a imaginação, a consciência dos próprios talentos, a capacidade de ver oportunidades, a motivação para aprender, a tomada de iniciativas, a criatividade, a liderança e a responsabilidade. Studdard et al. (2014) afirmam que a auto-eficácia, a capacidade de se imaginar como um empreendedor bem-sucedido, pode ser reforçada pela educação para o empreendedorismo durante a infância, e que esta aumenta a apetência para a criança vir a seguir uma carreira empreendedora no futuro. Assim, neste grupo etário, a educação para o empreendedorismo deverá ser capaz de eliminar alguns dos obstáculos que tendem a diminuir os níveis de autoconfiança, auto-estima, espírito de aventura e vontade de tomar iniciativas e riscos (Rabbior, 1990) dos futuros adultos. Então, os sistemas educativos podem e devem ser melhorados, passando a incluir a educação para o empreendedorismo nos currículos desde o ensino Pré-escolar até à Universidade (Do Paço et al., 2011).

Tendo em mente a faixa etária, a educação na pré-escola, com foco nas competências necessárias ao empreendedorismo, pode ser particularmente importante para ajudar as crianças a desenvolver as competências transversais, tais como a independência, a responsabilidade, a auto-estima, a confiança, a consciência do próprio talento, a criatividade, a capacidade de identificar oportunidades, a disposição para assumir riscos, a capacidade para superar o fracasso, a perseverança, o auto-controlo, a tolerância e a capacidade de cooperação.

A independência e a responsabilidade são competências importantes para um empresário que, em última instância, tem de tomar decisões cruciais e ser responsável pelas mesmas. O ensino pré-escolar poderá desempenhar um papel nuclear no desenvolvimento da independência da criança, nomeadamente através do estímulo para que se alimente pela sua própria mão, cuide dos seus objetos pessoais, se responsabilize por tarefas simples, arrume as mesas após a realização de cada atividade, e cuide da sua higiene pessoal, como escovar os dentes depois do almoço e mudar de roupa antes e depois das aulas de ginástica. A auto-estima e a confiança das crianças poderá desenvolver a sua auto-eficácia, isto é a sua percepção quanto à sua capacidade de concluir com sucesso as suas tarefas. A auto-eficácia pode ser desenvolvida exibindo desenhos ou outros trabalhos artísticos, afixados em painéis nas paredes da escola, realizando atividades teatrais ou comunicações em público,

participando em atividades desportivas e outras atividades extracurriculares, de modo a descobrir os seus talentos e a aumentar a sua auto-estima. Para reforçar a sensação de orgulho nas suas próprias realizações pessoais, as escolas poderão utilizar um sistema de reforço positivo, recompensando os alunos de forma personalizada, refletindo o esforço que cada criança particular faz para superar suas dificuldades. Uma criança pode receber um louvor por apertar os seus sapatos pela primeira vez, enquanto outra por saber os dias da semana.

As crianças são criativas por natureza. Para desenvolver um espírito empreendedor nas crianças, não se deverá aprisionar a sua criatividade, mas deixá-la crescer. Isto poderá ser realizado em aulas de artes, onde as crianças possam expressar livremente a imaginação e a criatividade, e descobrir novas possibilidades como, por exemplo, novas aplicações para materiais conhecidos. A escola deverá reconhecer que as artes e a expressão artística desempenham um papel fundamental e, como tal, a criatividade poderá ser desenvolvida através da realização de peças de teatro, recitais de música e outras produções, além de promover competições, exposições e todo tipo de atuações na escola. A criatividade também pode ser desenvolvida nas aulas de informática, onde as crianças poderão ser encorajadas a inventar histórias, explorando as possibilidades da tecnologia. Além disso, o ensino poderá ser acompanhado de experimentação prática e da participação em jogos que promovem a criatividade e o *role playing*.

A predisposição para assumir riscos, a capacidade para superar o fracasso e a perseverança poderão ser trabalhadas nas aulas de desporto. Esta é uma área curricular onde as crianças se sentem livres para assumir riscos. Mas, principalmente, elas aprendem a superar a sensação de derrota, quantas vezes esmagadora. Ao jogar o seu desporto favorito, as crianças aprendem que só com muito trabalho conseguem melhores resultados, e aprendem, também, que depois de perder um jogo, em vez de desistir, é importante se prepararem para o próximo.

A disciplina é fundamental porque torna as crianças mais seguras e também as faz aprender a controlar os seus impulsos. Na pré-escola, as regras a respeitar na sala de aula e nas instalações da escola são ensinadas às crianças. O seu comportamento deve obedecer a essas regras. E a escola deverá ser muito rigorosa na implementação dessas regras. Um bom exemplo pode ser a pontualidade.

A tolerância em relação à diversidade de origens culturais, religiosas, étnicas, entre outras, é fundamental. A investigação empírica demonstra a importância da

diversidade dos recursos humanos de uma organização ou equipa de trabalho na criatividade e na inovação (Amabile, 1997; Bassett-Jones, 2005). A pré-escola pode promover essas características através da narrativa, visualização de vídeos e envolvendo crianças em atividades relacionadas com eventos importantes e festividades de diferentes países, como o Ano Novo Chinês e o Festival Diwali Indiano, juntamente com o Natal e outras celebrações cristãs.

Por último, a cooperação pode ser desenvolvida pondo as crianças a trabalhar em pares ou em grupos muito cedo. Além disso, as crianças podem ser motivadas a ajudar os outros no desempenho das tarefas, o que desenvolve o espírito de cooperação e partilha, bem como a sua independência.

Conclusão

A Comissão Europeia (2013) reconhece que, na Europa, os futuros empresários atuam num ambiente difícil, nomeadamente no que respeita ao acesso ao mercado de crédito e, em caso de fracasso, a sanções punitivas e procedimentos administrativos com custos elevados. Aponta, também, para uma mudança cultural profunda e abrangente, em que haja o reconhecimento e a recompensa dos empreendedores bem-sucedidos na criação de empregos e na geração de rendimento. Assim, a educação para o empreendedorismo é fundamental para fazer essa transformação cultural, devendo começar o mais cedo possível, a fim de desenvolver nas crianças competências relacionadas com o empreendedorismo, como a criatividade e a predisposição para tomar o risco, que são difíceis de ensinar mais tarde. Como defendem Do Paço e Palinhas (2011, p. 594): "a educação para o empreendedorismo não deve ser oferecida unicamente pelas universidades, mas também pelas escolas primárias e secundárias, expondo os jovens aos conceitos de empreendedorismo numa fase inicial do seu desenvolvimento", sendo importante que estes compreendam que "com trabalho árduo, bom planeamento e competências sólidas, poderão aproveitar o sucesso no mundo do trabalho". Estes autores acrescentam ainda que "na escola primária, a educação para empreendedorismo deve encorajar os alunos a adquirir qualidades pessoais que contribuam para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, que se tornará útil nas suas vidas diárias e em todas as atividades profissionais" (p. 595).

Competências transversais relacionadas com o empreendedorismo, tais como a independência, a responsabilidade, a auto-estima, a confiança, a consciência do

próprio talento, a criatividade, a capacidade de identificar oportunidades, a disposição para assumir riscos, a capacidade para superar o fracasso, a perseverança, o auto-controlo, a tolerância e a capacidade de cooperação, são passíveis de ser trabalhadas desde tenra idade, através de atividades no contexto da escola, que permitem moldar de forma favorável as atitudes e comportamentos das crianças, aumentando a probabilidade de virem a ser mais empreendedores ao longo da sua vida.

Referências

Amabile, T. M. (1983). The social psychology of creativity: A componential conceptualization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 357–376.

Amabile, T. M. (1988). A model of creativity and innovation in organizations. In B. M. Staw & L. L. Cummings (Eds.), *Research in organizational behavior* (pp. 123–167). Greenwich, CT: JAI Press.

Amabile, T. M. (1997). Motivating creativity in organizations: On doing what you love and loving what you do. *California Management Review*, 40(1), 39-58.

Bassett-Jones, N. (2005). The paradox of diversity management, creativity and innovation. *Creativity and Innovation Management*, 14(2), 169-175.

Bialik, C. (2010). Seven Careers in a Lifetime? Think Twice, Researchers Say. *The Wall Street Journal*. September 4, 2010. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704206804575468162805877990.html>

Comissão Europeia (2013). *Communication From The Commission To The European Parliament, The Council, The European Economic And Social Committee And The Committee Of The Regions*. Brussels, 9.1.2013, COM(2012) 795 final. Disponível em: <https://ec.europa.eu/transparency/regdoc/rep/1/2012/EN/1-2012-795-EN-F1-1.Pdf>

Do Paço, A., Ferreira, J., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2011). Entrepreneurial Intention among Secondary Students: Findings from Portugal. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 13(1), 92-106.

Do Paço, A., & Palinhas, M. J. (2011). Teaching entrepreneurship to children: A case study. *Journal of Vocational Education and Training*, 63(4), 593-608.

Edelman, L. F., Manolova, T. S., & Brush, C. G. (2008). Entrepreneurship Education: Correspondence between practices of nascent entrepreneurs and textbook prescriptions for success. *Academy of Management Learning & Education*, 7(1), 56-70.

Fiet, J. (2000). The theoretical side of teaching entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 16, 1–24.

Figueiredo-Nery, M. A. N., & Figueiredo, P. N. (2008). Forming entrepreneurial mindsets - Preliminary evidence of teaching practices from primary schools in a developing area in South America. *Journal of Technology Management and Innovation*, 3, Special Issue 1, 1-17.

Haase, H., & Lautenschlager, A. (2011). The "Teachability Dilemma" of entrepreneurship. *International Entrepreneurship Management Journal*, 7(2), 145-162.

Hansemark, O. (1998). The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement. *International Journal of Entrepreneurship Behaviour and Research*, 4(1), 28–50.

Hatten, T., & Ruhland, S. (1995). Students attitudes toward entrepreneurship as affected by participation in an SBI program. *Journal of Education for Business*, 7(4), 224–227.

Kent, C. A. (1990). *Entrepreneurship education: current developments, future directions.* United States of America: Greenwood Publishing Group.

Kourilsky, M. (1980). Predictors of entrepreneurship in a simulated economy. *The Journal of Creative Behavior*, 14(3), 175–199.

Kourilsky, M., & Walstad, W. (1998). Entrepreneurship and female youth: Knowledge, attitudes, gender differences, and educational practices. *Journal of Business Venturing*, 13(1), 77–89.

Kuratko, D. F., Ireland, R. D., & Hornsby, J. S. (2001). Improving firm performance through entrepreneurial actions: Acordia's corporate entrepreneurship strategy. *Academy of Management Executive*, 15(4), 60-71.

Lee, S., Lim, S., Pathak, R., Chang, D., & Li, W. (2006). Influences on students' attitudes toward entrepreneurship: A multi-country study. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 2(3), 351–66.

Lessem, R. (1983). The Art of Entrepreneurship. *Journal of General Management*, 8 (3), 39-49.

Lindström, L. (2013). What do children learn at Swedish preschools? *International Education Studies*, 6(4), 236-250.

Löbler, H. (2006). Learning entrepreneurship from a constructivist perspective. *Technology Analysis and Strategic Management*, 18 (1): 19-38.

Marks, A., & Huzzard, T. (2008). Creativity and workplace attractiveness in professional employment. *Journal of Human Resource Costing & Accounting*, 12(2), 225-239.

Morris, M. H., & Kuratko, D. F. (2002). *Corporate Entrepreneurship.* Mason, OH: South-Western College Publishers.

Naia, A., Baptista, R., Januário, C., & Trigo, V. (2015). Entrepreneurship education literature in the 2000s. *Journal of Entrepreneurship Education*, 18(1), 111-135.

Rabbior, G. (1990). Elements of a successful entrepreneurship/economic/education program. In C. A. Kent (Ed.), *Entrepreneurship Education: Current developments, future directions* (pp. 53-65). New York: Quorum books.

Raposo, M., Ferreira, J., Do Paço, A., & Rodrigues, R. (2008). Propensity to firm creation: empirical research using structural equations. *International Entrepreneurship Management Journal*, 4(4), 485–504.

Sarikaya, M., & Coskun, E. (2015). A New Approach in Preschool Education: Social Entrepreneurship Education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 195, 888-894.

Smith, W. L., Schallenkamp, K., & Eichholz, D. (2007). Entrepreneurial skills assessment: An exploratory study. *International Journal of Management and Enterprise Development*, 4(2), 179-201. doi:10.1504/IJMED.2007.011791

Stevenson, L., & Lundström, A. (2002). *Beyond the rhetoric: Defining entrepreneurship policy and its best practice components.* Örebro: Swedish Foundation for Small Business Research.

Studdard, N., Dawson, M., & Jackson, N. (2014). Fostering Entrepreneurship and Building Entrepreneurial Self-Efficacy in Primary and Secondary Education. *Creative and Knowledge Society*, 3(2), 1-14. doi:10.2478/v10212-011-0033-1

Timmons, J.A. (1989). *The Entrepreneurial Mind.* Brick House Publishing, Andover, MA.

Zahra, S. A., Kuratko, D. F., & Jennings, D. F. (1999). Corporate entrepreneurship and wealth creation: Contemporary and emerging perspectives. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 24(2), 5-9.